



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

Maristela Isidoro da Silva Castro

**NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A REVISÃO DE TEXTO:
GÊNEROS TEXTUAIS EM FOCO**

**Brasília
2012**

Maristela Isidoro da Silva Castro

**NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A REVISÃO DE TEXTO:
GÊNEROS TEXTUAIS EM FOCO**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Latu Sensu*, na área de
Revisão de Texto.

Orientador: Dr^a Zilda Pereira da Silva

**Brasília
2012**

Maristela Isidoro da Silva Castro

**NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A REVISÃO DE TEXTO:
GÊNEROS TEXTUAIS EM FOCO**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Latu Sensu*, na área de
Revisão de Texto.

Orientador: Dr^a Zilda Pereira da Silva

Brasília, _____ de _____ de 2012.

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Nota _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha família, que me apoiou em mais essa empreitada de minha vida profissional, incentivando-me nos momentos em que me encontrava desanimada.

Agradeço também ao meu marido e a minha filha, que aceitaram sem queixas minhas ausências por motivo dos estudos constantes.

E, principalmente, a Deus porque, sem a benção Dele, nada disso poderia ter acontecido.

Epígrafe

*“Não dê as costas a possíveis futuros
antes de ter certeza de que não tem nada
a aprender com eles.*

*Você está sempre livre para mudar de
ideia e escolher um futuro, ou um passado
diferentes.”*

(Richard Bach)

RESUMO

O objetivo principal deste estudo é destacar as *Novas perspectivas sobre a revisão de texto: gêneros textuais em foco*. Pretende-se aqui abordar, com um olhar inovador, os vários fatores que influenciaram uma mudança no uso da linguagem entre os indivíduos na sociedade e as mudanças no contexto sociocultural com as inovações tecnológicas. No contexto atual, observa-se o papel relevante das novas tecnologias e suas contribuições na produção textual, na vida das pessoas, bem como, em diversas áreas profissionais. Nessa pesquisa, serão apresentadas opiniões de teóricos da linguagem que procuram esclarecer a variedade de informações em torno dos gêneros textuais, em diferentes suportes e meios, e seu ensino no Brasil. Observou-se que, os meios de comunicação aperfeiçoam-se a cada dia e como é importante que o indivíduo esteja adaptado a essas mudanças tecnológicas. Portanto concluiu-se que os gêneros textuais nascem e evoluem com as mudanças culturais e despontam como um novo meio de aprendizagem e de ação social.

Palavras-chave: Gêneros Textuais. Novas Tecnologias. Interação Social.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1 A Crítica <i>Bakhtiniana</i> aos Novos Estudos Linguísticos.....	19
2.2 Os Gêneros Textuais Como Uma Nova Perspectiva de Ensino.....	21
2.3 Os Gêneros Textuais e Seu Papel Social.....	24
2.4 O Processo de Interação Entre o Autor e o Revisor.....	28
2.5 As Novas Tecnologias e o Indivíduo.....	32
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
4 REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

É sabido que, desde os primórdios, o homem está em busca de melhorias de seu conhecimento. Com esse intento, cientistas e estudiosos de várias áreas tentam, incansavelmente, explicar tudo que existe. O campo de estudos da linguagem é uma dessas áreas que provoca grandes discussões em torno de seu objeto de análise. Nessa busca de conhecimento e de novos caminhos surgiu a Linguística, uma ciência inaugurada no começo do século XX, que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana dentro de um ou mais grupos ou meios sociais.

De acordo com Koch (2001), a linguagem é o processo pelo qual o ser humano interage tanto pelas formas verbais, quanto pelas escritas e gestuais. Benveniste (1995) diz que, ao tentar estudá-la, o homem procurou explicar algo que lhe é próprio, que lhe é necessário em sua convivência diária com outros seres humanos. Todos os dias, quando conversamos ou escrevemos, estamos interagindo uns com os outros e, nesse processo, não usamos sons, palavras ou frases soltas, produzimos textos orais ou escritos que têm certo formato, um estilo e um tema que lhe são característicos, observa Marcuschi (2008). Até mesmo quando interagimos com pessoas em diferentes ambientes e contextos, não falamos da mesma maneira com todas e utilizamos gêneros variados (em diferentes suportes e meios) para atingir os nossos objetivos.

Observando a grande quantidade de temas que a Linguística busca explicar, compreende-se necessário, delimitar alguns pontos sobre essa ciência e sua contribuição às novas técnicas de aprendizagem, tais como os gêneros textuais, que aparecem como uma nova vertente de ensino no Brasil. Para que o objetivo

proposto seja atingido, serão consideradas teses e fundamentações teóricas de estudiosos da linguagem sobre o trabalho de revisor de texto e as novas perspectivas existentes na área.

Podemos dizer que existem vários fatores que influenciam a revisão textual, no que diz respeito à compreensão das mudanças no contexto sociocultural. Para tanto, será preciso apresentar uma contextualização que contribuam com tal fato, analisando os gêneros textuais clássicos e os atuais, uma vez que se vive atualmente uma realidade diferente de tempos anteriores: tanto o indivíduo e o meio em que vive quanto às novas tecnologias que estão em constante processo de evolução. Entre os diversos fatores existentes, apresentam-se as discussões acerca das teorias de gêneros textuais e suas aplicações no ensino da escrita e no uso da linguagem de maneira em geral.

O estudo dos gêneros na produção textual tornou-se uma prática, cada vez mais comum a diversas disciplinas do currículo escolar brasileiro e busca complementar as questões de natureza sociocultural, no que diz respeito ao uso da língua de maneira em geral.

Deste modo, para a realização deste estudo, será feita uma pesquisa bibliográfica de alguns autores utilizando-se da leitura de livros, revistas e artigos que discutem o tema. Como o ensino de língua mostra-se muito centrado em gêneros nos dias de hoje, será adotando um método não muito aprofundado sobre o tema, pois seriam necessários muitos anos de estudo para se conseguir um resultado desejável.

Os principais teóricos abordados são: Bakhtin (1985), Bazerman (2006) Fairclough (2001), Marcuschi (2008), Meurer (2002) e Saussure (2006).

De acordo com Silva, 2001 *apud* Minayo, 1993, p.23, o ato de pesquisar trata-se de uma análise bibliográfica com a finalidade de buscar respostas para indagações propostas. Observando por um ângulo filosófico relata ainda que:

Considera a pesquisa como “atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (SILVA, 2001 *apud* MINAYO, 1993, p. 23).

Ainda segundo Silva, 2001 *apud* Demo, 1996, p.34, essa é uma atividade cotidiana considerada como uma atitude, um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.

Em todo processo da pesquisa foi dado ênfase tanto às Novas Perspectivas Sobre a Revisão de Texto, como aos Gêneros Textuais clássicos e atuais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Saussure (1916), a ciência que se constitui em torno dos fatos da língua passou por três fases antes de definir seu único objeto de estudo. Inicialmente, os gregos fizeram os estudos pela Gramática, que continuaram com os franceses e deram origem a *Gramática de Port Royal*, cujo objeto principal de estudo foi baseado na lógica e visava criar regras para distinguir as formas corretas das incorretas. (ARNAULD, 1992)).

Em seguida surgiu a Filologia criada por Friedrich August Wolf em 1777. Seu principal objetivo era fixar, interpretar e comentar os textos, ocupando-se também da história literária, dos costumes, das críticas, entre outros. Para Saussure (1916), esse método tornou-se falho, pois estudou principalmente a língua escrita, esquecendo-se da língua falada. (*Curso de Linguística geral*, p. 7, 8).

O terceiro período, conhecido como Filologia comparativa ou Gramática Comparada, teve início entre 1786 e 1816, período em que estudiosos observaram que as línguas poderiam ser comparadas entre si. Nessa fase, conforme nos informa Weedwood (2002), o estudo das línguas consistia em compará-las para deduzir princípios gerais de evolução histórica das suas unidades lexicais, gramaticais e sonoras e teve como estudioso mais influente Franz Bopp. Este, apesar de não ser o único a contribuir com tal estudo, foi quem entendeu que as relações entre línguas afins poderiam tornar-se tanto matéria de uma ciência autônoma, como também, explicar as formas de uma pela outra. (*Curso de Linguística geral*, p. 7, 8).

Franco (2003, p.8) diz, na perspectiva de Fiadeiro, 1993 *in* Nunes, 2001, que o ato de se comunicar é um processo interativo acontecido no contexto social, requer um emissor que cria a mensagem e um receptor que entende a mensagem. O que significa que deve haver respeito, partilha e compreensão mútua. Diz também que, a comunicação está ligada a todas as áreas do desenvolvimento, tais como: as competências cognitivas, motoras, sensoriais e sociais.

Ainda na perspectiva de Franco (2003), o processo de comunicação poderá usar, além da linguagem oral materializada pela fala (pela linguagem escrita) o desenho, o gesto codificado, entre outros. Conforme ele, o modo a ser utilizado dependerá do contexto, das necessidades e das capacidades do emissor e do

receptor da mensagem que se quer emitir. Dentre esses aspectos que expressam emoções e atitudes, podemos citar a entonação, a ênfase, a acentuação, o ritmo/velocidade.

Sobre o advento da oralidade e escrita Marcuschi (2008, p. 135) afirma:

O discurso oral e escrito tem organização e desenvolvimento tópico relativamente diferenciados, tendo em vista suas condições de produção. A conversação, por exemplo, desenvolve a dinâmica tópica interativamente (sem um planejamento prévio e com monitoração local), ao passo que o texto escrito segue um processo enunciativo mais calculado na base de suposições sociocognitivas e planejamento de maior alcance. Nisso residem algumas diferenças interessantes entre oralidade e escrita, tendo aqui o tempo e o espaço um papel importante, já que a oralidade se dá no tempo real e a escrita num tempo defasado (não só em relação à recepção, mas também, em relação à produção). Isso já está sendo também reanalisado quando se trata da interação nos bate-papos na internet pela escrita. (MARCUSCHI, 2008, p. 135).

Assim, a linguagem é um sistema tradicional de símbolos infundados de regras e combinações, que representam as ideias que se quer transmitir por meio do uso de um código social, a partir do uso da língua.

Partindo a outros parâmetros, a partir de alguns estudos, o século XX foi marcado por muitas mudanças em diversos setores. Com o Modernismo, vieram às transformações sociais, o crescimento econômico, a era tecnológica, e, com isso, as pessoas se viram pressionadas a mudar. O mundo e o Brasil, de um modo geral, passaram por grandes transformações nesse período. As revoluções, as vanguardas européias, o fim da primeira guerra, a imigração, a industrialização, a expansão das cidades, todos esses fatores fizeram com que as pessoas mudassem sua forma de agir, de pensar e de se comunicar.

Segundo Marcuschi (2008, p. 38), foi a partir do século XX, entre os anos de 1950 a 1960 que surgiram todas as “*tendências hifenizadas ou genitivas*” [grifos

no original], das denominações de carácter interdisciplinares que fazem parte deste movimento.

Para ele (2005, p. 53), a Linguística de Texto (LT) trabalha na perspectiva de ver a linguagem em seu aspecto funcional, social e interativo, estuda hoje tanto a produção como a compreensão de textos orais e escritos. Um estudo que procura ir além dos limites da frase e do seu aspecto sintático e procura mostrar o funcionamento da linguagem sob o aspecto textual-interativo. “Sob outro ponto de vista a LT pode ser definida como o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso”.

Como se pode observar, a linguagem oral tem características muito próprias. De acordo com Franco (2003, p.16, 17), na linguagem oral, estão as regras de organização de sons, palavras e frases com seus significados. Para tanto, existe um propósito e uma intenção que, durante esse processo interativo, se adquire conhecimento do código e da função. É nesse instante que acontece a linguagem compreensiva – capacidade para formular/produzir (linguagem expressiva). Segundo ele, a linguagem oral é dividida em três níveis: forma, conteúdo e uso. Na forma, é onde ficam os sons e as combinações (fonologia), a organização interna (morfologia), e as palavras ficam dispostas nos tipos de frases (sintaxe). No conteúdo, estão dispostas as regras semânticas, os significados, dependendo de contextos linguísticos ou não. Advém do conhecimento de cada indivíduo. No uso, estão dispostas as regras reguladoras do uso da linguagem em contextos sociais (Pragmática).

Ainda de acordo com Franco (2003, p. 22), a linguagem escrita é uma sequência simbólica que surge a partir da linguagem oral, que se subdivide em dois níveis: receptivo (leitura) e expressivo (escrita).

Ao contrário do que se pensa, a linguagem escrita se desenvolve a partir do ensino formal para o desenvolvimento de competências (leitura e expressão escrita), e, embora seja diferente, se relaciona com a linguagem oral permanentemente (FRANCO, 2003 *apud* SIM, 1997).

Conforme (Franco 2003, *apud* Casa, 1988, p. 24), a escrita se divide em dois processos: visual e fonológico. O visual (discrimina/diferencia/analisa) os elementos componentes. O fonológico discrimina sons importantes ou não, como também, memoriza e sintetiza os sons que compõem as palavras.

A fala é uma forma usada para se comunicar (verbal-oral) a fim de produzir sons e unidades linguísticas (fonemas, palavras, frases). Assim, é importante sabermos que:

A produção da fala passa necessariamente pela produção de voz, a qual para além de controlada pelo sistema nervoso central envolve três etapas: respiração, fonação e articulação. Numa perspectiva acústica, pode-se considerar que a respiração constitui a fonte de energia para a fonação constituindo esta a fonte de som que ao passar pelo trato vocálico assume diferentes características acústicas (FRANCO, 2003, p. 29).

Portanto, o processo da linguagem falada é formado por unidades que são possíveis isolar e reconhecer, pois, a consciência fonológica está diretamente ligada à aprendizagem da leitura. Cabe ressaltar que, a evolução do estudo da linguagem nessa perspectiva se orienta a partir da concepção de gênero textual.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 147-149), a expressão “gênero” veio do ocidente e está ligado aos gêneros literários, teve seu início com Platão e veio se firmar a partir de Aristóteles. Perdurou da Idade Média ao Renascimento até Modernidade, no princípio do século XX. Hoje, o conceito de gênero está ligado a diversos tipos de discursos: falado ou escrito, como também vem sendo abordado por estudiosos de diversas áreas: literatos, retóricos, sociólogos, cientistas da cognição, tradutores, linguistas da computação, analistas do discurso, especialistas no ensino de Inglês para fins específicos e professores de língua.

Conforme a abordagem de Meurer (2005, p. 19), os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente ligados à vida cultural e social das pessoas. Advindos do trabalho coletivo, os gêneros contribuem para determinar as atividades cotidianas intersubjetivas do dia a dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. Entretanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos isolados da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente flexíveis, dinâmicos e plásticos. Surgem juntamente com as necessidades e as atividades socioculturais, relacionadas com inovações tecnológicas, considerando a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita, conforme será citado acima.

Ainda segundo Meurer (2005), os povos de cultura oral criaram um número de gêneros bem reduzidos. Somente com a invenção da escrita por volta do século VII A.C é que se multiplicaram os gêneros, surgindo assim, os gêneros escritos. Na fase da industrialização, no início do século XVIII, os gêneros expandem-se com o surgimento da cultura impressa, sendo possível observar o

aparecimento de diversos suportes como agentes facilitadores da comunicação tanto na oralidade como na escrita, tais como: o telefone, o gravador, o rádio, a televisão, o computador pessoal e a internet.

Meurer (2005, p. 20), diz ainda que foram as novas tecnologias, principalmente as ligadas à área da comunicação, que fizeram com que surgissem os novos gêneros textuais. Segundo ele, os grandes suportes tecnológicos, tais como os já citados acima, tiveram uma presença marcante devido à centralidade nas atividades comunicativas da realidade social. Foi a partir desses pressupostos que surgiram novas formas discursivas como, por exemplo, editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais (chats), aulas virtuais (aulas-chats) entre outros.

De acordo com Bazerman (2006, p. 30), com o passar do tempo percebe-se quando um texto pertence a um determinado gênero ou não, pois se reconhecem nele as características textuais que informam que tipo de mensagem pode ser aquela e como os gêneros identificam-se e definem-se por sinais. Em outros termos afirma que:

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros como *fenômenos de reconhecimento psicossocial* que são partes de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão somente os tipos de que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos o que ele seja. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar, e, sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos (BAZERMAN, 2006, p. 31).

Para Bronckart (2006, p. 143), tanto os gêneros quanto outras distinções sociais estão inseridas no cotidiano do sujeito, ajudando a dar forma a situações específicas. Muitas vezes, tais situações fazem com que a sociedade se torne diferenciada, em decorrência disso as atividades discursivas também serão diferenciadas.

Assim, indo de encontro a Bazerman, (2006) e Bronckart, (2006), Bakhtin, (2003) afirma que os gêneros estão ligados às situações sociais da interação, qualquer mudança nessa interação acarretará transformações. O autor enfatiza a relativa estabilização dos gêneros e a sua ligação com a atividade humana. Em suma, os gêneros estão vinculados à situação social de interação e, por isso, como os enunciados individuais, são constituídos de duas partes misturadas, a linguístico-textual e a social. Nelas cada gênero está vinculado a uma situação social de interação típica, dentro de uma esfera social; tem sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e destinatário.

Para Bakhtin (2003), o enunciado é a unidade concreta e real da comunicação discursiva, uma vez que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade e comunicação humanas. Dessa forma, cada enunciado, constitui-se em um novo acontecimento, um evento único da comunicação discursiva. Ele não pode ser repetido, mas somente citado, pois, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento. Mas, é também como elemento inalienável que o enunciado representa apenas um elo na cadeia complexa e contínua da comunicação discursiva, mantendo relações dialógicas com os outros enunciados: ele já nasce como resposta a outros enunciados (surge como sua réplica) e mantém no seu horizonte os enunciados que o seguem (todo enunciado

está orientado para a reação-resposta ativa do(s) outro(s) participante(s) da interação). Ainda segundo Bakhtin (2003), a língua se realiza nas formas orais e escritas, que são únicas nas atividades humanas.

Na visão de Marcuschi (2008, p. 187), um gênero seria uma linguagem usada no cotidiano dos indivíduos que se utilizam de características e situações diárias para identificá-lo. Percebe-se que há um saber social comum utilizado pelos indivíduos, capazes de se orientarem por meio dos gêneros que estão criando ou produzindo em cada contexto comunicativo. Segundo ele, esses gêneros surgem a partir da interação comunicativa e são fenômenos sociointerativos.

Outra questão relevante para Marcuschi (2008, p. 199) é sobre a linguagem utilizada na internet:

- Do ponto de vista da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semianalfabetas;
- Do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio;
- Do ponto de vista dos gêneros realizados, a internet transmuta de maneira bastante radical gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos. Contudo, um fato é inconteste: a internet e todos os gêneros textuais a elas ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet a escrita continua essencial (MARCUSCHI, 2008, p. 199).

Segundo ele, a comunicação por computador, um conjunto específico de novos gêneros textuais (*mídia virtual*), envolve todos os tipos de comunicações e gêneros que se manifestam nesse contexto. Provavelmente, a expressão internet deva assumir a carga semântica e pragmática num futuro bem próximo, tendo em vista tratar-se da rede mundial de comunicação conectada ininterruptamente a todos os comutadores ligados a ela.

2.1 A crítica *Bakhtiniana* aos Novos Estudos Linguísticos

De acordo com a cultura escolar brasileira sua tradição acentuada faz com que as instituições educacionais tendam a identificar o estudo da linguagem com o estudo da gramática. Graças às pesquisas desenvolvidas por estudiosos da Língua Portuguesa, situações como essas vêm tomando um rumo diferente no que diz respeito ao processo de ensino/aprendizagem.

Saussure, em o *Curso de Linguística Geral* (1916), afirma que existem fatores internos e externos da língua que influenciam essa realidade social e natural do homem. Segundo ele, os costumes e as tradições de um povo, aparecem como um exemplo de fatores internos, capazes de provocar mudanças significativas na língua, porque é nela que se constitui uma nação. Já os fatores externos seriam os grandes acontecimentos históricos, como, por exemplo, uma colonização que é, senão, uma forma de conquista que transporta um idioma para meios diferentes, acarretando-lhe transformações. Saussure e os estruturalistas privilegiavam a *langue*, o sistema abstrato da língua com suas características formais, o que vai de encontro ao pensamento *bakhtiniano*.

Sobre esse aspecto Costa (2009) comenta:

Tais influências vão sendo cristalizadas por meio da língua, manifestando-se e materializando-se em discursos, ao longo do tempo, refletindo e refratando as sociedades através da regularidade de uma prática. Nesse sentido, apoiados nos conceitos de sincronia, de diacronia e do signo lingüístico, um recorte historiográfico da Linguística no século XX (COSTA, 2009).

Bakhtin foi um dos maiores pensadores do século XX, e, também, um teórico fundamental da língua. Em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (1981), enfatizou a heterogeneidade concreta da *parole*, ou seja, a complexidade multiforme das manifestações da linguagem em situações sociais e concretas. Nela, afirma que a linguagem não é só um sistema abstrato, mas também uma criação coletiva, integrante de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”, e entre muitos “eus” e muitos “outros”.

Bakhtin *apud* Todorov, 1981 atribui ao sujeito-falante um estatuto heterogêneo. O sujeito modifica o seu discurso em função das intervenções dos outros discursos, sejam elas reais ou imaginárias. Para ele, o sujeito emerge do outro e não se pode perceber e estudar o sujeito enquanto tal, como se ele fosse uma coisa, já que ele não pode permanecer sujeito se ele não tem voz. O “eu”, em seu ponto de vista, existe a partir do diálogo com os “outros eus” e necessita da colaboração de outros para poder definir-se e ser “autor” de si mesmo.

A fundamentação do sujeito de Bakhtin (1981), na crítica radical do “sujeito coisa”, abre uma pesquisa inovadora importante de conhecimento para a Linguística. Nela, o sujeito marca sua originalidade como teoria da ciência por meio de um duplo deslocamento. Um que ancora a consciência na palavra, sempre de forma verbal e o outro que ancora o sujeito na comunidade, ou (o “eu”) que só pode se realizar no discurso apoiando-se em nós (Bakhtin/Voloshinov, 1981)

Na mesma obra, Bakhtin afirma que o fenômeno é ideológico por excelência, e o modo mais puro e sensível de relação social é a palavra, (a linguagem no sentido mais amplo). É na palavra que se revela a forma básica e ideológica gerais da interação verbal. Diz ainda que não existe produção cultural fora

da linguagem e que o dialogismo opera dentro de qualquer produção cultural, letrada ou analfabeta, verbal ou não-verbal, elitista ou popular.

Bakhtin *apud* Faraco, 1983, relata que a verdadeira substância da linguagem não é construída por um sistema abstrato de formas linguísticas (Saussure), nem pela enunciação monológica isolada e pelo ato psicofisiológico de sua produção (Chomsky), mas pelo fenômeno social da interação verbal. Para ele, existe uma intertextualidade, ou seja, não há enunciados isolados, porque um enunciado pressupõe sempre enunciados que o precederam e aqueles que o sucederão; ele nunca é o primeiro, nem o último; ele é apenas um elo numa cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia.

De acordo com os fatos já citados percebe-se que são a comprovação de que o homem comunica-se por meio de palavras, elemento principal de uma produção textual, e que, na construção de um texto essas palavras obedecem a um ritmo. Para tanto, a linguagem humana lança mão dos *suportes de gêneros*, um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação materializado como texto (MARCUSCHI, 2008).

2.2 Os Gêneros Textuais como uma Nova Perspectiva de Ensino

Dewey (1959, p. 97) argumenta que, à medida que ingressamos no século XXI, precisamos de letramentos que interajam e adquiram técnicas que possibilitem às pessoas aprenderem, trabalharem e criarem novos espaços e domínios culturais. Cultivar novas alfabetizações e reconstruir a educação para a

democratização também envolve construir novos sistemas pedagógicos e novas relações sociais.

As exigências de uma nova economia global, de uma nova cultura e políticas advindas das novas tecnologias atuais exigem cidadãos mais informados, mais ativos e mais participativos. Por isso, as novas alfabetizações vêm tornando-se um desafio para os profissionais da educação, pois a cada dia os alunos estão mais informados e conectados com as redes sociais, aos computadores, cobram um aprendizado qualificado e de acordo com as exigências do mundo atual.

Sobre essa nova perspectiva Garcia *apud* Marcuschi, 2004 comenta:

Todo gênero digital possibilita um trabalho da oralidade e da escrita, assim como os gêneros textuais tradicionais utilizados na escola, pois se apresentam como uma evolução destes. Chats, blogs, videoconferências, e-mails, objeto deste trabalho e todos os outros recursos disponíveis na Internet fazem parte da comunicação eletrônica e devem ser trabalhados pelo professor que deveria enquadrar seu aluno no processo evolutivo de aprendizagem (GARCIA *apud* MARCUSCHI, 2004).

Segundo Freire (1970, p. 98), a alfabetização é uma condição necessária para possibilitar a participação das pessoas na democracia, todavia, para que essa participação ocorra, as pessoas têm de estar bem informadas e receberem a educação de maneira correta. As novas tecnologias exigem novas formas de letramentos ou letramentos múltiplos, exigem novos conhecimentos e novas competências, e cabe à educação aceitar os novos desafios da vida moderna e desenvolver uma melhora no seu sistema pedagógico.

Sobre as instituições e suas práticas sociais, Meurer (2002, p. 284) afirma que as escolas utilizam determinados gêneros e excluem outros, por serem mais apropriados aos seus fins. Segundo ele, tanto os gêneros quanto as formas

discursivas são marcados por regularidades, assim os textos aproximam-se pelas características comuns.

Sabe-se que o estudo dos Gêneros Textuais é algo que já ocorre há, pelo menos, 25 séculos, se considerarmos a observação sistemática iniciada com Platão, e posteriormente com Aristóteles. É impressionante a enorme quantidade de livros, revistas, artigos entre outros, que abordaram o assunto hoje em dia, e de como podem ser usados nas escolas brasileiras.

Atualmente, a noção de gênero não está vinculada basicamente à literatura. Swales (1990, p. 33) diz que: “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”. O ser humano, desde sua origem, procurou usar meios pelos quais se manifestasse aos outros suas ideias, criando para isso sinais e convenções que o ajudassem a se comunicar, como gestos e danças.

Para Bronckart (1994, p. 12), os gêneros compõem ações de linguagem que requerem do produtor várias decisões, e que, para isso ele precisa ter competência.

Nas diversas comunidades existentes, cada falante domina um conjunto de gêneros que faz parte de seu dia a dia. No entanto, existem vários outros que desconhecemos e precisamos aprender. Para isso, será muito importante o papel da escola.

Para Bhatia, 1997 *apud* Marcushi, 2008, p. 629, cada gênero textual tem um propósito bastante claro que determina e lhe dá uma esfera de circulação. Todos os gêneros têm uma forma e uma função, um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma. Quando falamos, a

forma e o modo como reagimos e pensamos estão sempre em processo de transformação, retratando nossas emoções, nossos valores, nos afetando diretamente, nos obrigando a tomar posicionamentos e a responder às mudanças e às adequações vividas pelo indivíduo e o mundo à sua volta. Isso tudo deve ser percebido pelos profissionais de revisão.

Sobre essa questão, Vieira (2007) afirma:

Atualmente, as habilidades textuais devem acompanhar os avanços tecnológicos, e a qualidade mais valorizada nos sujeitos do letramento é a capacidade de mover-se rapidamente entre diferentes letramentos. Por essa razão, as práticas textuais compõem-se de diferentes linguagens semióticas, que podem abrigar a fala e a escrita, a comunicação visual e sonora, além de utilizarem os recursos computacionais e tecnológicos, cujo desempenho dos autores devem ser competentes tanto na produção como na interpretação de texto de diferentes gêneros discursivos (VIEIRA, 2007, p. 24)

Faraco (2001, p. 8,9) diz que é preciso ter uma atenção sobre as práticas discursivas, sobre a língua em sua integridade concreta e viva, que reconhece que o eu só aparece como presença de si para si mesmo pela mediação do outro, sendo assim fundamental que a intersubjetividade deixe de ser abordada como acidental ou fortuita e passe a ser abordada como eixo orgânico da realidade linguística.

2.3 Os Gêneros Textuais e Seu Papel Social

De acordo com Bronckart (1999), a linguagem é analisada como prática social, e as condutas humanas constituem redes de atividades desenvolvidas num quadro de interações diversas, materializadas por meio de ações de linguagem, que se concretizam discursivamente dentro de um gênero.

Sabe-se que as diversidades da língua formam os gêneros e entende-se que eles não são entidades fixas, independem do tempo e das mudanças sociais. Há gêneros que desaparecem com o passar do tempo, como há outros que surgem dependendo da necessidade.

Para Bazerman (2006, p. 50), Thomas Luckmann afirma que a finalidade dos gêneros comunicativos na vida social é organizar, é condicionar as soluções para os problemas comunicativos recorrentes. Segundo ele, tais soluções são estabelecidas socialmente e armazenadas no estoque social do conhecimento, pois normalmente são aqueles que prejudicam os aspectos comunicativos da interação social que são importantes para uma certa ordem social. Assim, a sociedade tem diferentes repertórios de gêneros comunicativos, por exemplo, os gêneros de uma época, que se dividem em vários outros gêneros espontâneos, enquanto outros podem se congelar em novos gêneros.

Na perspectiva de Bazerman (2006), os gêneros criam formas típicas que revelam o modo como a vida é organizada em sociedade. A partir de atividades cotidianas, as pessoas expressam pensamentos e ações por intermédio de textos (gêneros padrões). Nesse contexto, Bazerman (2006) defende os gêneros como uma ação típica que pode ser facilmente entendida por outras pessoas em qualquer momento. São fenômenos que acontecem ao mesmo tempo na vida individual e social.

É importante fazer uma reflexão sobre esse aspecto, pois o ensino de Língua Portuguesa nos últimos tempos vem passando por altos e baixos. A deficiência existente nesse quadro torna-se visível quando os estabelecimentos de

ensino, em sua maioria, insistem em manter o tradicionalismo pregado pelos mais antigos e o uso formal da língua-padrão.

Outra questão relevante é fazer-se perceber a real necessidade de uma mudança, de uma análise sociointerativa de gêneros textuais na fala-escrita. É preciso fazer com que o professor saiba que ele tem papel fundamental para o aluno e que precisa deixar claro que todo texto produzido não termina quando nele é colocado um ponto final.

Na perspectiva de Geraldi (2004), in *O texto na sala de aula*, baseado no que diz Possenti, menciona que frequentemente pesquisadores são chamados às escolas para falar aos professores sobre programas de ensino que funcionem. Em se tratando de linguagem, é preciso que haja uma grande mudança e, se necessário, uma revolução na concepção de língua e de ensino de LP no processo adotado pelas escolas e pelos professores.

O ensino do português-padrão não deve ser visto como o único meio de ensinar a língua, porque as razões pelas quais não se aprende, ou se aprende e não se usa o dialeto-padrão tem a ver em grande parte, com os valores sociais dominantes e um pouco com estratégias escolares bastante discutíveis.

Ainda, segundo Geraldi (2004), a língua materna aprendida desde criança nos proporciona subsídios suficientes para o desenvolvimento de habilidades na fala e na escrita, bem como nas produções textuais, mesmo que tal língua possua sistemas tão complexos. O que não é possível de se aceitar é que as instituições de ensino desprezem esses conhecimentos prévios tanto na oralidade quanto na escrita, desvalorizando a inteligência do aluno.

De acordo com Bronckart (1992), para que os objetivos em torno dos gêneros sejam atingidos, as práticas escolares de produção e compreensão textual devem ser norteadas pelo que ele chama de modelo didático do gênero. Para ele, um texto é organizado de acordo com uma arquitetura interna organizada em três camadas interativas:

- Capacidades de ação – possibilitam ao sujeito adaptar sua produção de linguagem ao contexto de produção, com relação direta com o gênero, já que ele deve estar adaptado a um destinatário específico, a um conteúdo específico e a um objetivo específico.
- Capacidades discursivas – possibilitam a escolha de uma infraestrutura geral de um texto, ou seja, a escolha dos tipos de discurso e de sequências textuais.
- Capacidades linguístico-discursivas – possibilitam realizar as operações implicadas na produção textual, que têm 04 tipos: operações de textualização (conexão, coesão nominal e verbal), os mecanismos enunciativos, a construção de enunciados, oração e período e a escolha dos índices lexicais. A análise do gênero tem como objetivo apontar elementos ensináveis em relação às capacidades de linguagem que o indivíduo deve mobilizar e as operações de linguagem que deve realizar (BRONCKART, 1992).

Ratificando a ideia de Possenti no trecho anterior, Geraldi (2004) diz que cabe ao professor de LP ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de outra forma de falar o dialeto-padrão, sem que signifique a depreciação da forma de falar predominantemente em sua família ou em seu grupo familiar.

No entendimento de Sanches (2002, p. 5) cabe aos profissionais da educação oferecer aos alunos situações de aprendizagem que permitam dar continuidade às atividades que utilizem a linguagem oral e escrita respeitando as variações linguísticas de maneira que o aluno possa entender e usar os diferentes registros com diferentes propósitos sociais. Como exemplo, podemos citar a prática constante de leituras variadas e a criação de atividades que permitam compreender

e utilizar os recursos da oralidade e da argumentação, capacitar os alunos para operar o conteúdo de textos para que percebam os aspectos relevantes e para que os analisem criticamente.

Agindo dessa maneira, a mudança da situação atual do ensino de Língua Portuguesa não passaria apenas por uma alteração em suas técnicas e em seus métodos empregados na sala de aula, porque uma diferente concepção de linguagem constrói não só uma nova metodologia, mas principalmente, um “novo conteúdo” de ensino.

Há muito tempo, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão a respeito da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. A presença dos gêneros textuais nas atividades acadêmicas, de uma maneira em geral mostra a real necessidade da interdisciplinaridade na composição do sentido do texto e possui uma forte carga semântica e ideológica.

2.4 O Processo de Interação Entre o Autor e o Revisor

Há décadas, o uso da gramática no ensino de Português nas escolas vem gerando muita polêmica. Muitos linguistas criticam o descaso e o silêncio dos gramáticos no que diz respeito às falhas existentes no ensino de Língua Portuguesa, que insistem em valorizar o ensino da Gramática baseando-se não no texto, mas, apenas na condição de que o conhecimento de conceitos e regras teóricas seria capaz de levar ao aluno o domínio da linguagem.

Quando se fala em discurso, entende-se como uma prática social de produção de textos, ou uma construção social, não-individual e tem de ser analisado, levando em consideração o seu contexto histórico-social e suas condições de produção. Reflete uma visão de mundo determinada, vinculada à de seus autores e à sociedade em que vivem. O texto, por sua vez, é o produto da atividade discursiva, o objeto empírico de Análise do Discurso e possui as marcas de uma investigação científica.

Fairclough (2001) apresenta uma definição de discurso parecida com a descrita acima. Para ele o discurso representa o uso da linguagem como forma de prática social porque é a mediação entre o homem e a realidade social (revisor/autor). Diz ainda que, a relação entre textualidade e discursividade, entende-se que discurso não é um conjunto de textos, mas uma prática, cuja especificidade é ser uma prática simbólica. Assim, compreender como um texto funciona como ele produz sentidos, é compreendê-lo como objeto linguístico e histórico (como discurso).

Com base em tal conceito, é possível percebermos que, a partir do momento em que despertarmos no aluno seu poder de crítica e criatividade na criação de um texto, ele será capaz de analisar marcas capazes de encontrar novas formas de questionamentos que lhe darão um melhor posicionamento e poder valorizando, assim, determinados conceitos que são fundamentalmente ideológicos.

Ser professor não é uma simples tarefa de transmissão de conhecimento, vai bem mais além disso. Consiste em despertar no aluno valores e sentimentos como o amor do próximo e o respeito etc. Como destaca Rodrigues (1997), o educador não é simplesmente um repassador de conhecimentos para seus alunos,

pois o seu papel é bem mais amplo, porque é preciso ultrapassar uma barreira simples de transmissão de conhecimentos. Dentro da sala de aula, o que se verifica na maioria das vezes é o estabelecimento de regras disciplinares no modo arbitrário. Além disso, pode-se perceber a não explicitação dessas regras a serem cumpridas e o aluno sofre pressões com base em ameaças e punições. Notamos que isso pode acarretar e provocar reações negativas ou de resistência e indisciplina por parte dos alunos.

Analisando o que foi dito anteriormente, é possível perceber que o professor/revisor possui papel fundamental na produção textual do aluno/autor. A forma como o professor lida com o erro do aluno influi definitivamente em sua produção, e a tradição escolar de olhar para o erro do aluno como uma “desorganização” de pensamento precisa mudar.

Observando outros aspectos, percebe-se que é comum a revisão ser reduzida a uma simples correção gramatical, o que não passa de um grande equívoco, pois a correção gramatical é apenas uma das etapas do trabalho de revisão. O revisor não se preocupa apenas com a correção de textos, mas também com a interpretação, atua como um intermediário de uma comunicação eficiente entre o autor e o leitor, e sendo ele o primeiro leitor do texto, pode dar um retorno para o autor sobre o efeito de sentido produzido em seu discurso (BORGES, 2007).

Percebe-se que, embora a informática tenha contribuído bastante neste processo, o papel do revisor é fundamental, pois ela não tem capacidade para substituir um profissional como o revisor, pois revisar não é apenas fazer correções ortográficas, gramaticais, mas intervir no estilo e conteúdo.

De acordo com Borges (2007, p. 13), o papel do revisor é assegurar que os pensamentos criados na mente do leitor no momento da leitura se aproximem o máximo dos pensamentos do autor no processo de escrita. Muitas vezes, diante de uma sentença ambígua ou errônea, o leitor tenta saber o que o autor tentou dizer. Segundo ela, termos inadequados podem levar a ambiguidades e a distração do leitor, e, assim, tirar a atenção do discurso.

Para Cândido *apud* Fiorin (2002), um texto não é apenas um grupo de palavras soltas ou frases sem sentidos, uma organização de informações que faz com que o leitor compreenda como um todo [...]. É também, uma atividade verbal decorrente de estratégias cognitivas e interacionais entre os indivíduos, o qual não existe isoladamente. Logo, a escrita é interativa e social, já que é feita por um ou mais sujeitos para outro(s) sujeitos que, levam consigo conhecimentos de mundo diferentes.

Sobre esses aspectos Malta (2000, p.16) comenta:

- Revisar os originais aprovados para edição pelas editoras;
- Revisar (se tiver conhecimento de outros idiomas) as traduções, cotejando-as com os livros originais.
- Revisar as primeiras provas, comparando-as com os originais;
- Revisar as segundas provas, tomando como base as primeiras e, quando necessário, reportando-se aos originais (inclusive, ainda se preciso, ao livro);
- Revisar (menos comum, mas ocorre) terceiras provas, tendo como base as segundas;
- Examinar (a palavra “revisar” não caberia bem aqui) as heliográficas (não é muito comum, mas se o revisor for funcionário de uma editora, acabará fazendo este trabalho);
- Revisar (incomum, mas acontece) filmes que deram ou darão origem a heliográficas e, finalmente,
- Reler livros já publicados, em função de modificações que o autor quer fazer para uma nova edição, ou quando se desconfia que a edição publicada contenha erros (MALTA, 2000, p. 16).

2.5 As Novas Tecnologias e o Indivíduo

Cabe ressaltar aqui a importância de alguns conceitos que se fazem necessários para uma melhor contextualização do conteúdo.

O conceito de sociedade da informação foi primeiramente vinculado à sociedade pós-industrial, quando cientistas previram que tal fato mudaria profundamente a vida humana. Surgiu inicialmente por volta de 1970, entretanto, foi só a partir da década de 1980 que se expandiu pelo mundo. Assim, passou a ser produto de troca social. Dessa forma, a inovação tecnológica estaria preocupada com a produtividade informacional. (MASUDA, 1982, p. 10).

É importante salientar que a tecnologia está bastante relacionada com cotidiano do homem moderno, sendo utilizada em vários campos e em diversas áreas como forma de melhor interação com o outro. A partir desta observação, distinguimos o uso de diversas ferramentas tecnológicas em vários campos de nossa vida. Tanto o acesso à internet quanto a troca de mensagens eletrônicas, se tornaram, para uma grande maioria da população mundial, uma prática bastante comum. Seu uso é diversificado e abrange correspondências formais entre empresas, uso no meio publicitário e nos métodos de ensino, o contato para estabelecer relações pessoais entre pessoas em todo mundo.

De acordo com Meurer (2002, p. 278), no universo midiático, as discussões sobre a organização dos textos parecem não ter fim. Com as mudanças provocadas pelas novas tecnologias nos meios de comunicações de massa, ocorreu uma diminuição na utilização dos gêneros já consagrados nesses meios provocando

assim, o surgimento de novos gêneros que despontaram com a necessidade de transformar, inovar, modificar um gênero já existente.

De acordo com Almeida Filho, com o aparecimento dos computadores, surgiram também possibilidades jamais pensadas no que se refere aos meios de telecomunicações. Como exemplo, a Internet que permitiu a qualquer usuário interagir coletivamente, em ambientes diferenciados que reúnem inúmeros usuários independentemente da localidade. As interações no campo virtual facilitaram assim, a ampliação dos contatos que dificilmente seriam possíveis no mundo físico. Portanto, segundo Almeida Filho, esses meios consolidaram um processo de construção cultural e social baseado nas novas tecnologias, trazendo como questão importante à influência da tecnologia na mediação das relações pessoais. Sobre esse aspecto Barleta comenta:

Sendo assim, a escola não pode ignorar o momento atual em que as tecnologias de informação e de comunicação nos impuseram novas formas de se relacionar com os outros, de construir e reconstruir conhecimentos e ainda de pensar nosso dia a dia considerando o contexto atual da educação. Assim, considera-se indispensável o uso das tecnologias o qual possibilita uma nova proposta pedagógica capaz de atender aos anseios dos jovens e adultos construindo saberes partindo das experiências da sua realidade. Onde será possível resignificar, interpretando e transformando informações em conhecimentos (BARLETA, p. 2).

Ainda na perspectiva de Barleta, melhor seria pesquisar sobre a importância das tecnologias e promover a capacidade de leitura crítica das imagens e informações, na composição de aspectos mais amplos de sociabilidade e de subjetividade, e educar incluindo as novas tecnologias, promovendo a capacidade de leitura crítica das imagens e das informações, visando à consciência crítica e desmistificando ideologias.

Segundo Dertouzos (1997, p. 153), a tecnologia tem transformado a maneira como vivemos, trabalhamos e nos divertimos, como acordamos pela manhã, fazemos compras, investimos dinheiros, escolhemos nossos entretenimentos, criamos arte, cuidamos da saúde, educamos os filhos, trabalhamos e participamos ou nos relacionamos com as instituições que nos empregam, vendem algo, prestam serviços à comunidade.

A tecnologia vem sendo utilizada em épocas diferentes, de maneira a atender as expectativas atuais. Antigamente, os recursos eram precários, demorados e, em sua maioria, feitos manualmente na intenção de uma melhora nos relacionamentos sociais e domésticos. Hoje, devido aos grandes e inúmeros progressos tecnológicos, percebem-se novos e eficazes modos comunicação que vêm como um progresso na interação humana. Trata-se de um desejo sem fim em progredir, aprimorando ferramentas e utensílios.

De acordo com Meurer (2002, p. 286), os textos midiáticos, como gêneros, são formas de representar práticas socioculturais dentro de outras práticas socioculturais [...]. Segundo ele, um texto pode ser constituído de acordo com o gênero. O novo não significa que seja obrigatoriamente inédito, mas novo porque é criado para uma situação social específica, para um momento sócio-histórico-culturalmente determinado.

Na perspectiva de Bakhtin (1997, p. 285), um fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical), não pode entrar na língua sem antes ter passado por longos testes de acabamento (estilo e gênero). Assim, o enunciado está ligado aos meios que o precedem, e, também, aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1997, p. 320).

Ainda em Bakhtin (1997), a língua escrita é marcada por cada período de seu desenvolvimento pelos gêneros do discurso primários (diálogo oral: a linguagem utilizada nas redes sociais, nos círculos, na linguagem familiar, cotidiana, na sociopolítica, filosófica, entre outras.), como também pelos gêneros secundários (literários, científicos, ideológicos). Segundo ele, o crescimento da linguagem escrita está inserido em diversas camadas da língua popular, atingindo todos os gêneros (literários, científicos, ideológicos e familiares).

Para se chegar ao que se propõe, é essencial citar alguns gêneros textuais clássicos os quais apresentam padrões sociocomunicativos, padrões escritos como: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso etc (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Tendo em vista a evolução dos meios tecnológicos e suas interferências nas atividades comunicativas, cabe destacar, portanto, as principais ferramentas utilizadas como meio inovador para atender essas novas perspectivas. Marcuschi (2008, p. 201), cita alguns gêneros textuais emergentes mais conhecidos que vêm sendo estudados no momento e em alguns casos utilizados no ensino à distância:

- Email – pode ser particular ou institucional (usado por empresas), escolas (e-mail educacional) normalmente utilizados como meio de interação entre os alunos e professores (tutores);
- Chats – usado em salas de bate papos, em ambientes escolares (aulas chat) em cursos, entre outros;
- Entrevista com convidados;
- Videoconferência interativa;
- Lista de discussão;
- Endereço eletrônico pessoal ou para *home Page* e
- *Weblogs* (MARCUSCHI, 2008, p. 201).

Concentrando-se no gênero textual definido como *chats*, Marcuschi (2008, p. 202), afirma que as *aulas chats* começam a se popularizar no ensino à distância. Nesse gênero a comunicação se dá pela linguagem escrita tendenciosa a certa informalidade, a menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo.

Outros autores também opinam sobre as diversas funções apresentadas pelo gênero *chat*. Na visão de Dionísio (2005, p. 88), o gênero emergente apresenta diferentes funções, tais como conhecer pessoas na internet, interagir com algum artista, debater assuntos controversos etc. Além disso, utiliza os sinais gráficos para expressar suas emoções, portanto o indivíduo que não tiver afinidade com essa ferramenta não será bem sucedido na interação verbal via *chat*.

Dionísio (2005), diz ainda que o gênero *chat educacional* não é somente uma ferramenta que fornece mecanismos para o ensino/aprendizagem, mas a transformação do professor nesse meio atuando no comportamento do sujeito. Entretanto, esse é o gênero utilizado com menor frequência pelos alunos.

É importante fazer uma reflexão sobre o *chat educacional*, pois um dos grandes problemas desse gênero é que alguns professores não dominam essa ferramenta e, ao invés dela ser útil, se torna um problema.

Devemos ressaltar que, mesmo com o impacto midiático causado pela evolução tecnológica na sociedade de um modo em geral advindo do aparecimento dos gêneros textuais emergentes, os gêneros textuais clássicos permanecem sendo utilizados ainda hoje, pois cada um possui sua importância e sua particularidade.

Ainda destacando a importância das novas tecnologias e sua integração na sociedade, observe o trecho de uma fala telefônica apresentada por Marcuschi (2008).

Quem não vive numa cultura na qual a telefonia é uma rotina, não opera nem processa uma lista telefônica como um texto. Isto comprova que um texto se dá numa complexa relação interativa entre a linguagem, a cultura e os sujeitos históricos que operam nesses contextos. Não se trata de um sujeito individual e sim de um sujeito social que se apropriou da linguagem ou que foi apropriado pela linguagem e pela sociedade em que vive. Este aspecto não é secundário e recebe por parte da análise do discurso, por exemplo, grandes discussões (...). Não se trata de sujeitos individuais, voluntariosos, intencionais, mas sim de sujeitos históricos, sociais, integrados numa cultura e numa forma de vida. Isto vale para as mais prosaicas ações da vida diária, tal como digitar um número telefônico ou encontrar um nome de amigo na lista de aprovados num concurso público” (MARCUSCHI, 2008).

É possível concluir com o descrito no trecho acima, que o sujeito que está fora dessa realidade, naturalmente, também está fora dessa relação interativa proporcionada pelos novos meios de comunicação, e, por fim fora do contexto social desse processo evolutivo.

Isso nos faz retroceder e entender que os gêneros textuais clássicos foram necessários para se chegar às novas tecnologias. Além disso, pode-se dizer que não somente o telefone, mas todos os demais meios emergentes citados anteriormente, também têm o seu valor, as suas especificidades, a sua importância, atendendo, assim, as expectativas de seus usuários. Segundo estudos, constatou-se que essas tecnologias se tornaram ferramentas de primeira necessidade, uma vez que, com o seu surgimento, o indivíduo não se vê mais trabalhando manualmente.

Outra questão relevante é que, enquanto os gêneros clássicos têm um trabalho manual e, muitas vezes, lento, em contrapartida, os novos gêneros são

eficientes e ágeis oportunizando, em muitas situações, o surgimento de novos gêneros a partir dos já existentes.

Segundo Nóbrega (2009), observa-se, no caso dos gêneros emergentes, a nova relação que eles fazem com o uso da linguagem oral e escrita. Esses gêneros criaram uma linguagem própria que possibilita a integração de vários signos verbais, sons, imagens e formas em movimentos, o que não acontecia no passado com os gêneros textuais clássicos.

De acordo com Chaves, não é preciso que um falante tenha conhecimento científico para perceber a linguagem falada e escrita. Segundo ela, na escrita não existe interação entre o escritor e o autor. Portanto, o escritor deve estar atento quanto à forma de expor suas ideias, devendo ser o mais claro e objetivo possível, pois a escrita é algo que fica registrado, não pode ser reformulada a qualquer tempo para desfazer eventuais erros. Ao contrário da fala, a mensagem, que é transmitida a um receptor de modo espontâneo, possibilita a interação entre as pessoas que tomam parte na conversação, permitindo, assim, que elas alterem o que foi dito a qualquer tempo.

É necessário mencionar que, os meios de comunicação utilizados atualmente fazem com que o sujeito fique dependente deles, pois utilizar-se das novas tecnologias exige um menor tempo para criação de uma notícia, de um trabalho, facilitando, assim, o canal de comunicação entre o autor e o leitor, o que não ocorre com os meio clássicos.

Nesse contexto, percebe-se um avanço no uso dessas novas tecnologias de maneira cada vez mais intensa, até porque a capacidade de transformação social que tais tecnologias proporcionam, por meio da interação do sujeito com o outro e o impacto que elas causam, são inúmeras. Meurer (2002, p. 282) afirma que, muito

embora se tenha observado nas práticas discursivas as possibilidades de criação de gêneros que parecem ser ilimitadas, na verdade, tais processos são limitados pelas práticas socioculturais e pelas relações de poder que os envolvem.

É importante ressaltar a relação entre os gêneros clássicos e os atuais, pois as diferenças são muitas, no que se refere à ajuda que eles em algum momento proporcionaram ao indivíduo. Com o passar do tempo, a necessidade da criação de meios tecnológicos mais avançados foi crescendo, o que não extinguiu as formas clássicas, mas sim, proporcionou o surgimento de novos gêneros provenientes dos já existentes atendendo às expectativas de trabalho e de comunicação entre as pessoas. Existe uma grande necessidade de criação do novo por parte das pessoas que proporciona, quase diariamente, a criação de novos meios tecnológicos. A necessidade do novo pelo sujeito se dá pela vontade dele estar inserido numa sociedade midiática mutável que, de certa forma, impõe ao sujeito novos conhecimentos sobre os acontecimentos atuais, tornando-se assim, um ciclo vicioso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as discussões feitas no presente estudo sobre a linguagem oral e escrita e de como ela é relevante para a interação entre os indivíduos, ficou claro a grande contribuição dos gêneros textuais clássicos e também dos atuais em fazer com que o indivíduo aprenda a se comunicar, a se expressar e a interpretar informações. Procurou-se destacar a importância dos novos meios tecnológicos e percebeu-se a constante busca novo, de uma nova cultura que exige cidadãos mais bem informados, sem deixar, no entanto, de mencionar a grande insatisfação deste

com o meio em que vive. Houve, por meio desta insatisfação, um grande impulso na criação de novos meios tecnológicos capazes de proporcionarem a comunicação, o aprendizado e os relacionamentos de maneira mais interativa e dinâmica. Nessa comunicação dinâmica e acelerada, damos destaque a outros ambientes criados no intuito de proporcionar uma convivência mais frequente às pessoas tais como, o contato via e-mail, chats, internet e tantos outros existentes hoje em dia.

Observou-se um envolvimento cada vez maior do sujeito com o meio em que vive, e dessa forma, não teria como ser diferente, pois, não existe sociedade sem sujeito, e vice-versa.

Contudo, procurou-se relatar os diferentes aspectos existentes entre os gêneros clássicos e atuais sem compará-los, até porque cada um tem suas especificidades. O uso de alguns gêneros textuais no passado foi de extrema importância, assim como, as novas tecnologias criadas têm sido de grande valia para o crescimento de um povo que está inserido numa sociedade digital cada vez mais em ascensão. Além disso, constatou-se que o surgimento dessas novas tecnologias se deu a partir de meios já existentes e que continuam despontando novos gêneros à todo momento.

Retornando às reflexões de Meurer (2005, p. 20), foram as novas tecnologias, principalmente as ligadas à área da comunicação, que proporcionaram o aparecimento de novos gêneros textuais. Segundo ele, os grandes suportes tecnológicos, já citados nesta pesquisa, tiveram impacto marcante devido à centralidade nas atividades comunicativas da realidade social.

Diante de algumas questões aqui abordadas, percebeu-se que a dinâmica da sociedade reflete no gênero em constante transformação, e, assim, com o sujeito

não é diferente, ele tem a necessidade de transformação e de estar inserido em algo que lhe apresente novas perspectivas e em constante crescimento.

Portanto, o trabalho possibilitou fazer uma reflexão também sobre a língua falada e escrita, observando sobre a importância da linguagem e uso das novas tecnologias na sociedade contemporânea e a relação do sujeito dentro desse contexto. Destacou-se também, a importância dos novos gêneros textuais e sua utilização em diversas épocas e áreas distintas, principalmente na Educação.

Contudo, com os argumentos aqui expostos, notou-se que o professor pode e deve realizar um trabalho diferenciado utilizando-se da variedade de gêneros textuais oferecidas em seu cotidiano, e, com isso, agregar à sua prática docente a leitura, a compreensão e a produção de textos como um aspecto motivador. Assim, o aluno uma vez inserido nesse contexto, aperfeiçoaria seus métodos de aprendizagem, aumentando o estímulo no prazer pela leitura, se livrando da monotonia.

Em conclusão, chegou-se a uma melhor compreensão sob diversos aspectos dos temas aqui destacados dando ênfase aos gêneros textuais, às relações do sujeito com o outro no contexto social e suas experiências com as novas tecnologias. Concluiu-se ainda que, os gêneros textuais nascem e evoluem com as mudanças culturais, portanto, o sujeito cria novas práticas de interação, o que se pode definir como novas formas de ação social.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Betania Viana. *Revisão de Textos Técnicos de Engenharia*. Disponível em: http://www.revista.cefetmg.br/galerias/arquivos_download/revistan13v2-artigo2.pdf. Acesso em 14 de maio de 2012. 22: 27.

ARNAULD, Lancelot. *Gramática de Port-Royal*. Trad. Bruno Fregni Basseo; Henrique Graciano Muracho. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 1997. p. 285, 320.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 3ª ed.. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000, pp-XX.

_____. *Os Gêneros do Discurso*. In : _____. *Estética da Criação Verbal* (trad. M. E. Galvão Gomes). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____; M.Volochínov, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1981 [1929].

BARLETA, Ilma de Andrade. *Tecnologia como mediação no processo de ensino aprendizagem educação de jovens e adultos*. Disponível em: alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/.../sm01ss08_04.pdf. Acesso em 06 de maio de 2012.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez. 2006.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995 [1966].

BOHNEN, Alice Maria. *Algumas Abordagens Sócio-Históricas no Ensino de Gêneros Textuais: uma experiência nas aulas de Língua Francesa do CELEM*. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/807-4.pdf. Acesso em 05 de maio de 2012. 20:04.

BORGES, Luciene Chedid Melo. *Processo de Revisão de Testos Técnico-Científicos na Embrapa Amazônia Oriental: proposta de melhoria*. Belém-PA. 2007. Disponível em: www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/384796/.../Doc293.pdf. Acesso em 05 de maio de 2012. 9:04

BRONCKART, J. P. *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

CÂNDIDO, Gláucia Vieira. *Mercado de Trabalho para o Revisor de Texto: um estudo no polo educacional do ensino superior de Anápolis*. Universidade Estadual de Goiás. 2011. Disponível em: www.prp.ueg.br/revista/index.php/revistapluraisvirtual/article/.../75. Acesso em 14 de maio de 2012. 22:09.

COSTA, Ilda Rodrigues. Disponível em: http://www.ueginhumas.com/revelli/revelli2/numero_2/Revelliv1_n2_art07.pdf. Acesso em 06 de maio de 2012. 11:05.

CHAVES, Maria Inês. *O Uso dos elementos coesivos na produção oral e escrita do aluno de Língua Inglesa: desafios e contribuições para a prática do professor*. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Disponível em: www.cce.ufsc.br/~clafpl/25_Maria%20Ines%20Chaves.pdf. Acesso em 06 de maio de 2012. 20:15

DEWEY, J. *Democracia e Educação*. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3ª ed. São Paulo: Nacional, 1959.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. *Gêneros Textuais e Ensino*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: 2005. p. 87, 88, 89.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. *Pesquisa Aplicada em Linguagem: alguns desafios para o novo milênio*. São Paulo: Delta, v. 17. Especial, p. 1-9, 2001.

_____. *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

FRANCO, Maria da Graça. *Comunicação, Linguagem e Fala: perturbações específicas de linguagem em contexto escolar*. Fundamentos-Ministério da Educação. Lisboa. 2003. p. 8,16, 17, 22.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GARCIA, Maria Helena Silvestre. *Gêneros Textuais no contexto das inovações tecnológicas*. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2166-8.pdf. Acesso em: 06 de maio de 2012. 20: 53.

GERALDI, João W. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2004.

KOCH, I. V. *A Inter-Ação Pela Linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001.

MALTA, Luiz Roberto. *Manual do Revisor*. São Paulo: 2000. p. 16.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: 2008. Parábola Editorial. p.38,135, 147-149, 155, 199, 201, 202.

_____. 2004. *Interação, Contexto e Sentido*. In: *Fenômenos da linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MASUDA, Yoneji. *A sociedade da Informação Como Sociedade Pós-Industrial*. Rio de Janeiro: Rio, 1982.

MEURER, José Luiz. *Gêneros Textuais e Práticas Discursivas*. Bauru: EDUSC. 2002. p. 38, 93, 278, 282, 286.

_____. "Gêneros Textuais na Análise Crítica de Fairclough". In: MEURER, José Luis; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). *Gêneros: Teorias, Métodos e Debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

NÓBREGA, Maria José. *Produção de Texto: retextualização e autoria*. 2009. Disponível em : www.cvps.g12.br/.../pdf/.../LP/.../Produção%20de%20textos.pdf. Acesso em: 05 de maio de 2012. 23:37

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1916.

_____. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo. Editora Cultrix , 2006. p. 7,8.

SILVA, Édna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. 3ª Ed. Rev. Atual. Laboratório de Ensino a Distância da UFSC. 2001.

SWALES, J. M. (1990) *Genre analysis: english in academic and research settings*. Nova Iorque: Cambridge University Press.

TODOROV, T. in: BAKHTIN, M. *Le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.

VIEIRA, Josenia Antunes.; ROCHA, Harrison da. *Reflexões sobre a Língua Portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis: Vozes. 2007. p. 24.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *Análise de Gêneros do Discurso na Teoria Bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas*. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0402/10%20art%208.pdf>. Acesso em 25 de maio de 2012.

WEEDWOOD, B. *História Concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola. 2002.

SANCHES, Kátia P.G.; ANDREU, Sebastião. *Aprendendo a Ler e Escrever Textos 5ª série*. 1ª Ed. São Paulo: Ediouro, 2002. Coleção ALET. p. 05.